

compagnie
ona
tourna

Criação 2021

Infinun·e

· Dançar o múltiplo ·

uma exploração em dança e música da figura de Exu
através da percepção de dois artistas franceses



Direção artística, adaptação das danças e ritmos afro-
brasileiros, coreografia e interpretação

FANNY VIGNALS

Composição musical, bateria e teclado

GUILHEM FLOUZAT

Compagnie Ona Tourna - www.cieonatourna.com
5 rue Joseph Leclainche, 92230 Gennevilliers, FRANÇA
Tel : +33 6 09 16 59 44 - production@cieonatourna.com
SIRET N°525 408 670 000 20 - Licence n°2-1041454

Duo: 1 bailarina e 1 baterista

Todos os públicos (existe uma versão Jovens Públicos)

Duração: 50 minutos

Para teatros, espaços externos e outros espaços não dedicados à dança.

Page avec vidéos du spectacle : <http://www.cieonatourna.com/creations/infinune/>

Direção artística, concepção, coreografia e interpretação

FANNY VIGNALS

Composição musical, bateria e teclado

GUILHEM FLOUZAT

Colaboração na coreografia e dramaturgia

CLARISSE CHANEL

Criação dos figurinos

THAÏS LIMA

Criação da luz

ZOÉ DADA

Responsável de produção/difusão

ASTRID TOLEDO

O espetáculo inclui elementos oriundos das culturas afro-brasileiras, inclusive do candomblé. Os arranjos e adaptações são da Fanny Vignals.

PRODUÇÃO

Companhia Ona Tourna - Gennevilliers (Hauts-de-Seine FR)

COPRODUÇÃO

Musée des Confluences (Lyon FR)

Touka Danses Centre de Développement Chorégraphique National de Guyane (Cayenne FR)

A Cidade de Gennevilliers (Hauts-de-Seine FR)

New Danse Studio/Lieu de Fabrique (Brive-la-Gaillarde FR)

La Métairie des Arts - Association Images Plurielles (Saint-Pantaléon-de-Larche FR)

SOUTIENS

Le CENTQUATRE-PARIS - programa « résidences d'essai »

Le Centre National de la Danse (Pantin) - programma « mises à disposition de studios »

Le SAX - Espace Musical d'Achères (Yvelines FR)

Fanny Vignals beneficiou do programa PROTOTYPE V da Fundação Royaumont (Asnières-sur-Oise FR) para este projeto.



As imagens da versão "palco" deste dossiê são da residência de janeiro de 2021 no Musée des Confluences em Lyon - França. ©Studio CLP/Ona Tourna

APRESENTAÇÃO

Infinun·e é uma peça coreográfica e musical inspirada na sensação de desmultiplicação dos corpos que emana dos rituais afro-brasileiros. É criada por uma artista que nasceu longe das terras dos orixás mas que, há 20 anos, vem desenvolvendo uma linguagem que faz dialogar a dança contemporânea de tradição ocidental com as danças e as músicas oriundas destas heranças de matrizes africanas. *Infinun·e* se oferece então como uma ponte, uma encruzilhada.

Na mitologia iorubá a divindade responsável pelas funções transformadoras e comunicadoras é Exu. Foi esta figura subversiva, ainda hoje demonizada, guardiã da espontaneidade, da marginalidade, da sexualidade e da relação entre dança e tambores, que a coreógrafa francesa Fanny Vignals escolheu para esta nova exploração. Invocando os mitos, ela tece uma dança entre gestos simbólicos e marchas bélicas, provoca suas próprias encarnações a partir do imaginário popular e da energia de segredo que envolve este mensageiro. No palco as figuras nascem, aparecem e desaparecem, absorvendo-se mutuamente numa dança em constante metamorfose revelando o corpo em seus aspectos mais íntimos, engraçados, assustadores, até mesmo embaraçosos ou erótico.

Ao seu lado, o baterista e compositor francês Guilhem Flouzat é um músico que também cria conexões entre sua cultura de origem e as tradições afro-descendentes. Neste duo ele é ao mesmo tempo um duplo e uma testemunha. Utilizando todos os recursos orquestrais da bateria que ele combina com um teclado eletrônico, ele faz falar este instrumento intrinsecamente múltiplo, partindo de ritmos tradicionais para criar um lugar de improvisação e diálogo com o corpo em movimento. Entre a dança, a música e o espaço, os dois artistas criam uma relação ao mesmo tempo sensível, tátil, orgânica e poderosa.

De gestos belicosos a passos de samba acidentados, da ondina à mulher-cadáver e ao trickster, *Infinun·e* propõe uma circulação entre diferentes formas de estar no mundo e de se conectar com o invisível. Uma homenagem às culturas afro-brasileiras em forma de percurso encantatório habitado por fragilidades e forças, através da percepção destes dois artistas sobre a figura misteriosa e não binária, Exu.



NOTA DE INTENÇÃO

“O que exploro com *Infinun·e* é uma zona mais íntima da pesquisa que venho fazendo em torno das danças rituais afro-brasileiras, um lugar mais misterioso do que em minhas peças anteriores. Meu trabalho continua sendo muito escrito, mas eu procurei, dentro da estrutura música-dança, deixar espaço para o instinto, o jogo e o imprevisto. Este desejo de deixar viver o que surge no momento corresponde à energia de Exu que representa o prazer e a necessidade de espontaneidade. Uma forma de “deixar ir” particularmente difícil para quem é ao mesmo tempo coreógrafa e intérprete. Um desafio.

Infinun·e é também uma oportunidade para afirmar um gosto pela complexidade, por uma forma de trabalho em camadas. Criar um forte código comum e depois confundir as pistas, alimentando assim o mistério ou o medo, são estratégias que eu vejo como constitutivas de toda forma de resistência. Procurei transformá-las em ferramentas de composição para este espetáculo que se move entre heroísmo e fragilidade. Também percebo nos rituais afro-brasileiros uma forma de porosidade estilística que me inspira muito: potencial de abstração, força narrativa, valorização da forma e emoção coabitam plenamente. É um tipo de ajuntamento que quis implementar com *Infinun·e*.

Minha abordagem neste trabalho artístico em torno da figura de Exu é acompanhada por um questionamento constante do meu lugar como artista europeu, branca, que escolheu completar sua formação com linguagens das matrizes africanas e pesquisar este universo. Tanto na criação como nas ações pedagógicas que realizo em paralelo, procuro alimentar a dança, os gestos e a música com significados e elementos sobre suas fontes, assim como o contexto no qual me foram transmitidos. Esta reflexão sobre este lugar de fala, que teço em conjunto com Guilhem Flouzat, compartilhamos com nossos parceiros (teatros, festivais, museus, escolas...) e o público na França. Confrontá-la com as culturas de origem que celebramos apresentando *Infinun·e* no Brasil seria para nós uma maravilhosa oportunidade de intercâmbio e aprendizado.

Porque é ele quem circula, quem autoriza e abre portas, nós tomamos a liberdade, através do que sentimos da figura de Exu, de imaginar esta homenagem criativa, tanto lúdica quanto cheia de reverência.”

Exu Iyanguí, ou a criação do mundo

“Outrora desceu um meteoro do céu chamado Iyanguí. Quando ele caiu na terra ele se parte em 256 pedaços. O número 256 é 16 vezes 16, que é o caminho do destino: Exu está na frente do seu destino. Você sabe que 256 é o infinito, né ? (...). Esses 256 pedaços, quando se juntam, transformam-se em um. E esse “um” começa a engolir os outros ! Mas tem alguns pedacinhos que escapam: são os que formarão a divina família Iorubá. Então é assim que Exu forma a unidade do mundo.”

Nancy de Souza, conhecida como Dona Egbomi Cici, Salvador da Bahia, agosto de 2019.



ESCRITA COREOGRÁFICA E DRAMATURGIA

Diz-se que Exu é o infinito + 1. Para conceber a forma geral desta peça, a coreógrafa escolheu, entre os múltiplos símbolos representados por esta figura, as noções de ritmo ternário, espiral e infinito. É construída em torno de três estados de corpo: um "corpo-matéria" que incorpora "corpos-figuras" e depois dá origem a um "corpo-matéria animada". O início da peça é uma forma de acolhimento do que já existe há muito tempo, seu fim não é um ponto, mas um impulso para uma continuação.

A fim de criar corporeidades híbridas, a escrita coreográfica, entre dança contemporânea e simbologia afro-brasileira, se desdobra de acordo com diferentes modos de cruzamento. As mãos, motor de ação e de comunicação, ocupam um lugar privilegiado neste processo.

Corpo e matéria a serviço do invisível

Durante a entrada do público, o corpo circula, acolhe e conecta os elementos da bateria espalhados. A força de projeção do gesto ritual é amplificada pela fluidez, mobilidade ou compacidade do corpo que se move a serviço das palmas das mãos. Imobilidades vibrantes ativam os espaços, animam os objetos e seu potencial simbólico.

Caminhadas, artefatos e figuras

Quando as mãos entram em contato com o objeto, o corpo, incorporando esta alteridade, lembra a ferramenta da divindade. Passos ao mesmo tempo poderosos e orgânicos convocam então um guerreiro, uma deusa do vento, uma padroeira da lama, um curandeiro, uma cobra... Toda uma comunidade de forças armadas e equipadas se reúne para criar a unicidade da bateria que se torna metáfora da família invisível.

Estado, presença(s) e figuras

Do silêncio, da escuta, as vezes do constrangimento, surgem depois figuras inspiradas por corporeidades mais cotidianas, mais humanas ainda: os exus¹. Fluxos internos, desequilíbrios e acidentes, apoio febril ou autoritário, erupções vocais do além-túmulo ou samba desarticulado... o terreno não é seguro. Flutuando entre os arquétipos masculino e feminino, a escrita corporal e facial é flutuante e perturbada, dirigida sem filtro ao público e ao músico. Este último, cujos sons e presença alimentam este estranho desfile, desencadeia ou sofre as sucessivas manias desta mulher polimorfa, ora sedutora, ora fanfarrona ou macabra.

Ações e gestos simbólicos

Tomar banho, comer, embrulhar-se ou oferecer: ações permitem acalmar a multidão, voltar para o corpo, para a matéria. Os invisíveis não estão mais dentro do corpo, mas fora dele. O corpo se comunica com eles através de símbolos: a crista do galo, a vagina original, o fogo, a boca do mundo, o falo transformador... Através da lentidão e do giro, a dança procura revelar o poder poético do gesto simbólico, seja ele ancestral e restaurado, ou herdado e transformado.

¹ Através do espiritismo do francês Allan Kardec que permeou diversas práticas religiosas brasileiras, algumas dessas entidades ligadas ao mundo da noite e do proibido, derivam de figuras européias, notadamente o malandro que pode lembrar o dandy parisiense.

Conectar, ligar,

Tecendo o espaço entre as quatro direções cardeais, a última parte do *Infinun-e* se desdobra em uma dança guerreira que reúne as matérias cruzadas. A dança é tátil, musical e enérgica. Através do código de uma escrita tênue que circula, pressiona e descomprime tempo, espaço e música, o corpo acolhe relaxamento, ruptura e suspensão. Desde o gesto mínimo até a cavalgada dos antepassados convocados, ele atravessa e transborda este cruzamento até projetar o som em uma única linha, como o sulco de uma caminhada infinita.



A MÚSICA

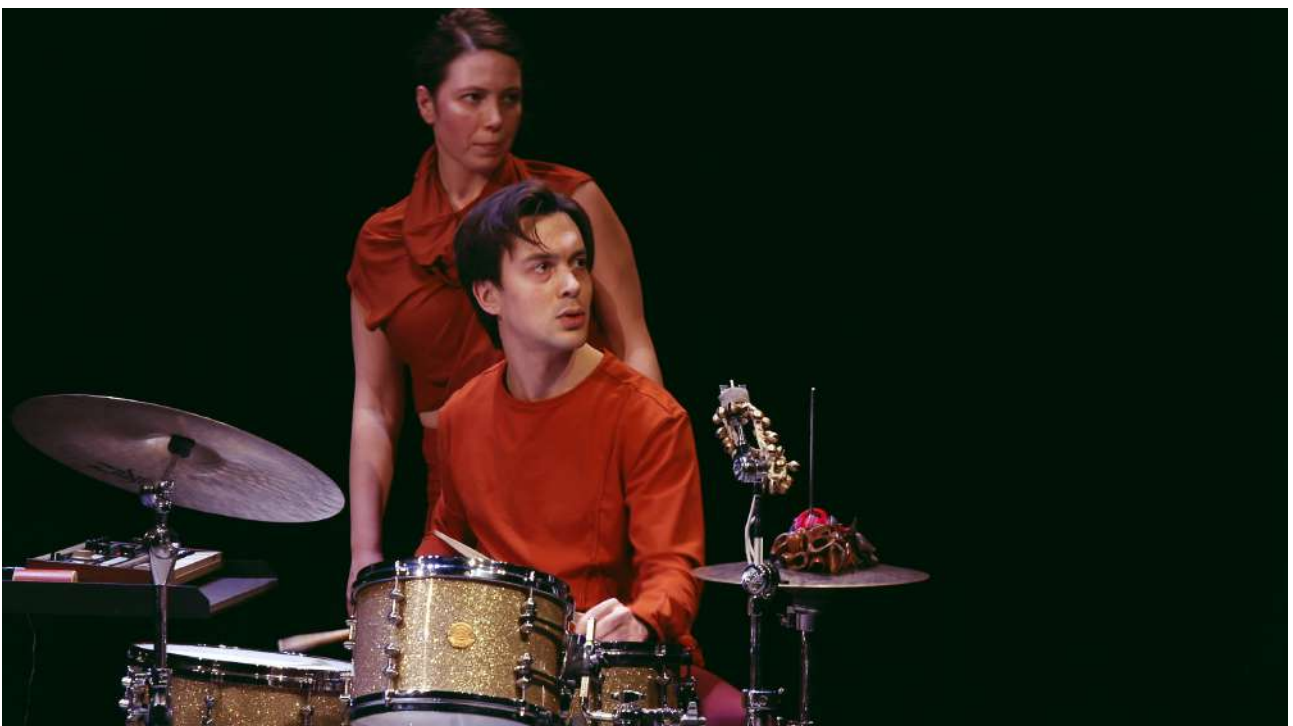
O baterista, neste espetáculo, desempenha os papéis de tamborileiro, duplo, adversário e cúmplice ritual. A cenografia, simples e depurada, coloca a interação no centro do dispositivo.

A aposta ao imaginar a música para esta peça foi honrar a tradição do Candomblé, sua imensa riqueza e dimensão espiritual, sem apegar-se a ela. A escrita musical deve deixar espaço para a improvisação e possíveis bifurcações. É um desafio na continuidade daquele que apresenta o jazz, a música adotada por Guilhem Flouzat, ela também afro-descendente e traduzindo historicamente uma experiência muito diferente da sua própria.

Parte do espetáculo, portanto, recorre fielmente às claves e cantigas rituais para usá-las como base para a improvisação. Fanny Vignals também fez um trabalho valioso na transmissão dos símbolos e significados que ela usa em sua coreografia. A bateria permite a busca de timbres e texturas que se referem a este jogo de sinais.

A divindade Exu, que inspirou este espetáculo, é uma figura polimorfa, misteriosa e ambígua. É também uma figura de desembaraço. Para evocar o lado mais noturno de Exu, Guilhem Flouzat escolheu acompanhar a si mesmo com um mini teclado eletrônico no qual ele manipula efeitos em tempo real. Os trechos melódicos são usados como estrutura para criar um efeito de aparição em certos momentos do espetáculo. Devem inspirar e surpreender a bailarina.

É uma obra em movimento, que a cada performance é destinada a metamorfosear. Ao invés de uma partitura fixa, uma rede de possibilidades melódicas e rítmicas, uma encruzilhada de caminhos.



ESPAÇO, CAMINHOS, MATERIAIS E CORES

A laterita, pedra simbólica de Exu, nos inspirou por sua cor vermelha, que está próxima ao fogo, à terra e aos minerais, por seu material poroso e pela diversidade dos seus tons.

Os figurinos da brasileira Thaïs Lima são criados a partir de um conceito de "pele transformada", ideias de sinais de cicatrizes e reflexos irregulares. A forma « sportswear », com seu capuz, ofereceu uma conexão natural com os tradicionais gorros pontiagudos de Exu e todo seu simbolismo urbano.

Dois caminhos de camurça de oito metros de comprimento também nos acompanham no *Infinun·e*. Quando estão empilhados criam um efeito mineral, uma espécie de cenário natural para a bateria, quando estão espalhados evocam a possibilidade de encontro, de cruzamento, de circulação, a estrada. Eles carregam os corpos, as luzes, os materiais e objetos, criando zonas de projeção, transformação e magia.

Na versão cênica da peça, o projeto de iluminação foi concebido por Zoé Dada com a intenção de manter o artifício ao mínimo, tanto nos momentos em que o palco é banhado pela luz quanto nos em que um precioso calor é criado através da cor e da escuridão. A iluminação está próxima à luz natural.

Tanto em espaços ao ar livre quanto no palco, procuramos a legibilidade dos corpos e do espaço.



ESPAÇOS URBANOS E OUTROS ESPAÇOS NÃO-TEATRAIS

Não é raro no Brasil encontrar oferendas no chão no cruzamento de duas ruas: uma garrafa, cigarros, farinha de mandioca... São destinada a Exu. Divindade das possibilidades, esta figura da urbanidade é conhecida como o guardião da circulação, das encruzilhadas, do mercado e das energias combustíveis.

Infinun-e encontra de um modo muito natural seu lugar em espaços não dedicados ao espetáculo, que seja em cidades ou vilarejos. A presença e a passagem dos moradores, os sons dos motores ou o canto dos pássaros, o grito das crianças ou as correntes de ar alimentam o jogo dos olhares, da enxameação e dos imprevistos. Querendo brincar com a noção de adaptação, os dois artistas gostam de usar sua criatividade, tanto na escolha do local em colaboração com os nossos parceiros, quanto na sua interpretação.

[Ver o video da versão em espaços urbanos](#)



Julho de 2020 - Saída de residência para o espaço público, com o músico Benjamin Sanz, bairro Les Agnettes, Gennevilliers - FR.
Foto ©Guillaume Deloire



Julho de 2020 - Saída de residência para o espaço público, com o músico Benjamin Sanz, em três bairros de Gennevilliers.
Fotos © Bénédicte Bos, Daphné Vollereau, Guillaume Deloire e Victoria Silavea

IMPrensa

Revista *Alternatives Théâtrales* : julho de 2021 « [Scènes du Brésil](#) » (*Cenas do Brasil*)

Em paralelo a esta publicação, um arquivo foi criado pelos estudantes da M2 Sorbonne-Nouvelle, Paris : ["À propos de la scène brésilienne"](#) (*Sobre a cena brasileira*).

BFMTV Lyon : [reportagem](#) no Musée des Confluences (Lyon-France), 20 de janeiro de 2021.

Radio Aligre - Lusitania :

- [programa do 23 de janeiro de 2021](#), convidada : Fanny Vignals,

- [programa do 12 de outubro de 2019](#), convidadas : Fanny Vignals e o baterista Benjamin Sanz.

Jornal *Libération* - artigo de fevereiro de 2021 "[Candomblé : embrasez-vous](#)" de Jacques Denis, seria « *Le corps en transe* » (ou consultar [a versão pdf](#)).



Jornal *Libération* do 2 de fevereiro de 2021

"Multiplicando desde vinte anos as idas e voltas para o Brasil (...), ela se diz fascinada pela mistura de "extrema precisão" e "de grande delicadeza dos movimentos (...)". Isto se reflete em sua última coreografia, *Infinun·e*, que ela acaba de finalizar. É um duo com um baterista em homenagem à Exu, uma divindade fundamental, muito tempo demonizada pelos colonizadores, o símbolo das encruzilhadas, o único e o múltiplo, aquela parte do impalpável sem a qual nada acontece. (...)"

Jacques Denis

Trecho do artigo "[Candomblé : embrasez-vous](#)"

Seria « *Le corps en transe* »

EM TORNO DO ESPETÁCULO

R-Encontros, Histoire de Portes...

Projetos de sensibilização e criações com amadores

Nossas ações artísticas são realizadas com crianças e jovens em escolas, estudantes de dança e de música em conservatórios, mas também com pessoas em assistência psiquiátrica ou com deficiências. Trabalhamos na França e no Brasil, desde a periferia das cidades até as áreas rurais.



Oficinas

Uma dança contemporânea a partir da simbologia afro-brasileira

A Fanny Vignals ministra regularmente workshops, pra bailarines profissionais como para amadores, em especial em Micadanses, em Paris. Em 2022, a coreógrafa é convidada a ministrar aulas no "Entraînement Régulier du Danseur" e das "Danses Partagées" no Centro Nacional da Dança em Lyon (FR).



La Bouche du Monde

Pesquisa em danças afro-brasileiras

Para este trabalho transdisciplinar sobre as danças da divindade Exu, Fanny Vignals está colaborando com Laura Flety, antropóloga da dança, Maxime Fleuriot, videasta, Johanna Classe, notadora Benesh, e atores destas práticas no Brasil e na França. Colaborou particularmente com a Casa do Mensageiro, terreiro do Pai Rychelmy Imbiriba, em Camaçari, Bahia. Pesquisa apoiada pelo Centre National de la Danse -Pantin - FR

www.labouchedumonde.fr



D'un Monde, l'Autre

Filme-documentário de Maxime Fleuriot

Este filme documenta o trabalho de campo realizado no estado da Bahia com a coreógrafa Fanny Vignals, a antropóloga Laura Flety e a notadora do movimento Johanna Classe. Uma tentativa de abordar a forma pela qual as danças do orixá Exu circulam nos corpos e no imaginário.





FANNY VIGNALS

Direção artística, coreografia e interpretação

Coreógrafa contemporânea francesa, bailarina e musicista, Fanny Vignals desenvolve um trabalho de criação conectado a uma pesquisa sobre as danças rituais e populares afro-brasileiras. Em um universo estético entre abstração e força narrativa, ela desenvolve uma linguagem coreográfica cruzada, alimentada por uma profunda relação com a música e as culturas que a inspiram. Suas criações questionam a separação entre tradição e contemporaneidade, e brincam com os códigos e os espaços de representação. Procuram oferecer experiências sensíveis em torno da relação com a alteridade, a espiritualidade, a feminilidade, e também com as noções de circulação e de festa.

Após iniciar sua carreira na dança clássica, dois encontros transformaram profundamente seu caminho: o primeiro, em 1998 em Toulouse (FR), com a dança contemporânea, a improvisação e a composição, e um outro, um pouco depois, na Bahia, com as danças oriundas do Candomblé. Entrou no Centro Nacional da Dança Contemporânea em Angers (FR) em 2000 e escolheu completar sua formação no Brasil com Rosângela Silvestre, Augusto Omolú, Vera Passos, Zé Ricardo dos Santos e Dofono d'Omolú entre outros. Ao mesmo tempo continua se alimentando com o trabalho de coreógrafos contemporâneos como Maguy Marin, Susan Buirge, Carolyn Carlson, Wim Vandekeybus ou Nigel Charnock (DV8).

Como bailarina-interprete, assistente ou coreógrafa, colaborou com artistas na Europa, nas Antilhas e na América do Sul: Cie Latruc, Cie Arcane, Cia Aérea de Dança, Cie Difé Kako ou ainda o Collectif Sauf Le Dimanche. Ela é regularmente convidada a coreografar grupos musicais.

Fundando a companhia Ona Tourná em 2009, ela criou o solo *Atravessando...* (2012), o baile-espetáculo *Cruzamentos* (2015), o duo *Ntéfi*, co-criado com a coreógrafa Ana Pi (2015), e a conferência-espetáculo *Itàn Jó* (2016). Nasceram também as performances *AMA-Z* (Amazonas-2015) ou *Ainda dá, gestos para um não-poema* (2018) com 15 bailarines franco-brasileiros. Colocando a transmissão no coração do seu trabalho artístico, ela cria espetáculos para artistas amadores. É assim que ela foi coreógrafa da Academia da Ópera de Paris de 2016 a 2018. Titular do Diplôme d'État de professora de dança contemporânea, dá regularmente aulas e oficinas, incluso, este ano, no training do Centro Nacional da Dança (FR).

Em 2018 foi coreógrafa premiada da Fundação Royaumont onde lançou as bases da sua nova criação, o duo *Infinun·e*. Em paralelo, recebeu o apoio do CND para *La Bouche du Monde*, estudo sobre as danças do orixá Exu para a qual colaborou com iniciades e terreiros de Camaçari e Salvador da Bahia, com especialistas em antropologia da dança, análise do movimento e notação em dança. Colabora também com o videasta Maxime Fleuriot qui realiza *D'un Monde, l'Autre*, filme-documentário sobre esta pesquisa.



GUILHEM FLOUZAT

Composição musical e bateria

Baterista, compositor e songwriter, Guilhem Flouzat tem muitas cordas em seu arco. Ele produziu um álbum de padrões com o pianista Sullivan Fortner e também escreveu letras e músicas para um álbum de canções interpretadas por Isabel Sorling. Seu toque de bateria, afinado com Eric Harland, Dan Weiss, Mark Guiliana e John Riley, serve em primeiro lugar ao seu propósito como compositor.

Ele aprendeu a arte da pulsação e forjou sua identidade musical durante sete anos passados em Nova York, onde colaborou com Lionel Loueke, Becca Stevens, Chris Cheek, Dave Liebman, Linda Oh e Gilad Hekselman. Neto da pianista Henriette Puig-Roget, ele é fascinado pelas obras de Ravel e Poulenc e estudou no Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris. A partir de seus estudos em aulas preparatórias literárias, ele manteve a idéia de transformar a

experiência em palavras. A partir destas fontes, emerge um universo narrativo e musical profundo.

Durante os últimos dez anos, ele traçou um caminho original na cena do jazz europeu e americano, ao mesmo tempo em que foi sideman com artistas como Youn Sun Nah, Eric Legnini ou Camila Meza.

Seu primeiro álbum *One Way... Or Another* (2011) foi descrito por Vincent Bessières como "a melhor coisa que aconteceu ao jazz francês em muito tempo". Dentro, ele apresenta um dueto com o prodígio Tigrany Hamasyan. Para o segundo, *Portraits* (2015), ele se juntou a exigente empresa discográfica Sunnyside e criou uma série de retratos musicais dos oito músicos que tocam no disco, incluindo Ben Wendel e Becca Stevens. *A Thing Called Joe* (2017), um trio que desenha o repertório da Broadway, foi saudado pelos críticos franceses e americanos como um "clássico", seguido de várias turnês com o pianista Sullivan Fortner.

No mesmo ano, um álbum colaborativo gravado em Los Angeles com o baixista Martin Nevin e o pianista Richard Sears, *Constant Stranger*, foi lançado na empresa discográfica Fresh Sound, evocando Ellington e Scriabin. *Turn The Sun To Green* com Isabel Sorling é lançado em fevereiro de 2021 com o label Shed Music, uma série de canções compostas à noite no piano de seus vizinhos de Washington Heights.

A COMPANHIA ONA TOURNA

A companhia Ona Tourna, com sede em Gennevilliers, na região parisiense, foi criada em 2009. Sua atividade está centrada na produção de espetáculos e sua difusão para um público mais largo possível.

A partir da dança como eixo de criação, a companhia explora cruzamentos entre artes e culturas, particularmente na relação entre dança e música. Ela constrói uma forma singular de escrita que reúne a dança chamada de « contemporânea » com culturas oriundas de tradições extra-europeias, particularmente afro-brasileiras.

Numa reflexão sobre os modos de manifestação da dança dependendo das culturas, as peças são apresentadas tanto no palco como em lugares não-teatrais, em diferentes relações com o público e o espaço: espetáculos, bailes, conferências-danças, criações « in situ », ou ainda performances.

Desejando encontrar os públicos e defender o lugar da arte nas escolas, nas grandes cidades como no interior, a companhia Ona Tourna realiza numerosos projetos de transmissão, ações artísticas e sensibilização dos públicos. A criação com artistas amadores é um dos pilares do seu trabalho.

CALENDÁRIO DE CRIAÇÃO

Julho de 2020 : VILLE DE GENNEVILLIERS - 92 FR

Setembro de 2020 : NEW DANSE STUDIO - Lieu de Fabrique/N.elle Aquitaine - Brive-la-Gaillarde - 19 FR

Novembre e dezembro de 2020 : TOUKA DANSES CDCN - Guyane - 97 FR

Dezembro de 2020 : le CENTQUATRE-PARIS - 75 FR

Janeiro et setembro de 2021 : ESPACE MUSICAL D'ACHÈRES - LE SAX - Achères - 78 FR

Janeiro de 2021 : MUSÉE DES CONFLUENCES - Lyon - 69 FR

Julho de 2021 : LA MÉTAIRIE DES ARTS - Saint-Pantaléon-de-Larche - 19 FR

Outubro de 2021 : CONSERVATOIRE EDGAR-VARÈSE Gennevilliers – 92 FR

CALENDÁRIO DE DIFUSÃO

16 de outubro de 2021/Estreia : auditorium du CONSERVATOIRE EDGAR VARÈSE - Gennevilliers - 92 FR

19 de outubro de 2021 : auditorium du CONSERVATOIRE DE COLOMBES - 92 FR

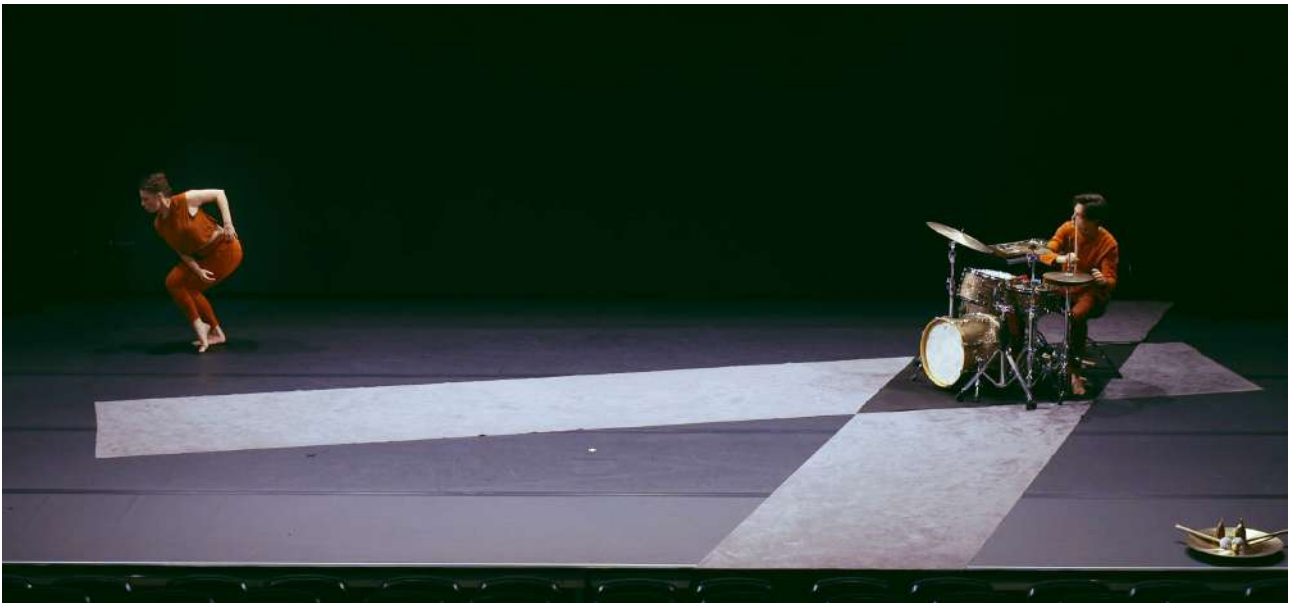
2 de dezembro de 2021 : grand auditorium du MUSÉE DES CONFLUENCES - Lyon - 69 FR

7 de março de 2022 : CENTRE NATIONAL DE LA DANSE - Pantin - 93 Fr (*apresentação profissional*)

Do 10 até o 17 de fevereiro de 2023 - turnê no Estado da Bahia - BRASIL

Maio de 2023 : Festival « Pass' dans la rue » LES PASSERELLES, SCÈNE DE PARIS-VALLÉE DE LA MARNE - Pontault-Combault - 77 FR

O espetáculo *Infinun-e* está disponível para apresentações durante a temporada 2022-2023 na França e no Brasil.



Compagnie Ona Tourna

5 rue Joseph Leclainche - 92230 Gennevilliers

Direção artística : Fanny Vignals - +33 6 09 16 59 44 - fanny.vignals@cieonatourna.com

Produção/difusão : Astrid Toledo - +33 632674390 - astridtoledo@free.fr

SIRET N°525 408 670 000 20 - Licence n°2-L-R-20-4728

www.cieonatourna.com

compagnie
ona
tourna